

## A Realidade das Comunidades e a Teologia Praticada na Faculdade de Teologia

Martin Volkmann

### 1. Introdução

Uma data especial é sempre motivo para uma reflexão especial. É certo que 50 anos não são um período extremamente longo. Mas para uma Igreja relativamente jovem, meio século já representa um bom espaço de tempo. Por isso essas ocasiões especiais devem ser aproveitadas para uma avaliação crítica de seu trabalho. Foi assim pela passagem dos 40 anos com a publicação do livro *Formação Teológica em Terra Brasileira*, em que, ao lado de relatos sobre os inícios da Faculdade, também não faltaram reflexões críticas acerca da tarefa de uma Faculdade de Teologia.

Assim, entendendo também este momento como tal reflexão crítica acerca dessa tarefa. E, a partir do tema proposto, percebo esta reflexão como girando em torno do eixo: Faculdade de Teologia — Comunidade. Por isso, antes de expor propriamente como eu vejo essa relação sob a ótica de alguém que trabalha nesta casa, coloco dois pressupostos que irão determinar tudo o mais que vou dizer.

a) A comunidade é princípio, meio e fim da formação teológica. Comunidade, entendida em sentido restrito como a comunidade de fé, e em sentido lato como toda a sociedade.

É princípio, porque é no seio da vida comunitária que cada pessoa faz suas primeiras experiências de fé e também suas primeiras reflexões e questionamentos sobre assuntos de fé. Foi também no berço da comunidade primitiva que a tradição de Jesus foi transmitida e refletida. As cartas de Paulo, que são teologia no verdadeiro sentido da palavra, são endereçadas a comunidades. Os evangelhos, que não são mera reprodução de relatos, mas que são reflexão sobre o evento em torno do Jesus de Nazaré, também nascem a partir e para dentro de uma determinada comunidade.

É meio, porque reflexão teológica acontece em diálogo com os questionamentos da comunidade: os anseios, as perguntas, as necessidades, as expectativas da comunidade de fé e da sociedade em geral precisam ser trabalhadas na reflexão teológica.

É fim, porque a reflexão teológica precisa dar respostas a esses anseios e

questionamentos da comunidade e da sociedade. Assim como Paulo e também os evangelistas o fizeram com os seus escritos.

Portanto, a reflexão teológica e também a formação teológica não têm um fim apenas em si mesmas.

b) A Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) sempre teve a comunidade no foco de suas atenções. Ao longo desses 50 anos, este foco esteve mais ou menos próximo.

Ao meu ver, foram quatro fases. No início, as comunidades estavam bem no centro das atenções. A Escola de Teologia foi criada exatamente para suprir a ausência de pastores. A década de 60, com a vinda de professores com pós-graduação, foi marcada pela formação essencialmente acadêmica. Com muita ênfase e seriedade aqui se fazia teologia científica. Foi a fase em que a comunidade saiu um pouco mais do foco; em primeiro lugar estava uma sólida formação científica. A terceira fase está ligada ao período-auge da teologia da libertação. O foco volta novamente mais para a comunidade, entendida agora como toda a sociedade. O próprio contexto sócio-político-econômico é lugar teológico. No final da década de 80 o foco volta a se concentrar no pólo eclesial. Reaparece forte a preocupação com a construção de comunidade, sem, no entanto, perder de vista a grande comunidade humana. Exemplo disso é a inclusão da disciplina “Edificação de Comunidade” no currículo de aulas.

## **2. Formação Teológica e Comunidade**

Na seqüência desses dois pressupostos, parto da seguinte tese: a formação teológica deve ser tão acadêmica que não necessita da comunidade, justo por ser profundamente científica. Ao mesmo tempo, deve ser tão comprometida comunitariamente que não necessita da ciência, justo por ser profundamente comunitária.

Na Faculdade de Teologia, ao longo de seus 50 anos, se procurou exercitar essa dialética. É verdade, nem sempre com o mesmo equilíbrio entre as partes. Como vimos acima, num momento a ênfase recaía mais num aspecto; em outro momento, mais no segundo. No entanto, a função de uma Faculdade de Teologia que leva a sério o seu compromisso com o ser Faculdade, ou seja, de fazer ciência, e, ao mesmo tempo, o seu compromisso com a Teologia, ou seja, com o fundamento da fé — a sua função é buscar atender simultaneamente estas duas exigências. Uma Faculdade de Teologia que faz jus ao seu nome e que leva a sério o seu compromisso tanto com a cientificidade quanto com a eclesialidade não pode fugir dessa dialética. E quanto mais ela encarnar essa dualidade, tanto mais seriamente estará a serviço da própria comunidade e com tanto maior seriedade será considerada no seio dos construtores do saber.

Trocando essa dialética em miúdos, o que significa isso concretamente?

*1) A Faculdade deve ter a liberdade de fazer estudo científico. A comunidade não pode determinar o que se pode e o que não se pode fazer teologicamente.*

Por exemplo, na exegese bíblica. A nível de comunidade, geralmente se tem uma imagem um tanto acrítica da Bíblia. Por ser Escritura Sagrada, ela é palavra de Deus. Seu conteúdo é encarado como sendo verdade absoluta e inconteste. Com tal imagem, a maioria dos estudantes iniciam os seus estudos. E à medida que vão avançando na exegese bíblica, vão descobrindo que a Bíblia é palavra de Deus em palavras humanas. Isso causa em todos/as os/as estudantes um choque inicial que só vai sendo assimilado com o decorrer do tempo. Para preservá-los desse choque, não seria melhor abrir mão de tal estudo histórico-crítico da Bíblia? Muitas vezes se escuta isso expressamente ou nas entrelinhas em manifestações de membros de comunidade e até de pastores. Mas justamente por causa da seriedade e da centralidade da Escritura é que tal estudo aprofundado, sério, científico da Bíblia é imprescindível. A própria atitude de Jesus e a dos profetas do AT são exemplos claros para tal: a partir de seu comprometimento com a verdade, eles questionam a tradição e os textos sagrados.

O mesmo vale em relação à história e à doutrina da Igreja. Há muitas facetas que deixam transparecer o caráter muito humano da Igreja. Não seria melhor preservar os/as estudantes desses aspectos para não lhes tirar o amor pela Igreja e sua disposição de servir a Deus na Igreja? Mas exatamente para que esse serviço a Deus na Igreja seja possível e autêntico, é necessário que o/a estudante perceba que, assim como a Bíblia é palavra de Deus em palavras humanas, da mesma forma a Igreja é obra de Deus e realização de pessoas humanas. Por isso nem tudo é santo dentro dos muros da Igreja. Mas exatamente para que cada vez mais se perceba essa distinção e não se identifiquem simplesmente os regulamentos e as estruturas da Igreja com a vontade de Deus, é que um estudo profundo e crítico da história e da doutrina da Igreja são tão imprescindíveis.

Essa liberdade de reflexão teológica deve ir ao ponto de o/a estudante, durante o processo de formação, ter a coragem de defender uma possível heresia, justamente nessa seriedade de busca da verdade e comprometimento com a verdade. Porque somente onde se tem a liberdade de defender uma aparente heresia, também se dá a coragem de lutar pela verdade. Pois, em última análise, o postulado que chega às raias da heresia nada mais é do que o combate apaixonado pela verdade.

Por isso pode parecer — e muitas vezes sofremos esta acusação — que estudantes perdem a sua fé, assim que iniciam os seus estudos na EST. Com certeza perdem certa ingenuidade, um aceitar acrítico de todas as verdades. Mas a fé genuína, que é dádiva do Espírito Santo, nenhum estudo irá destruir. Pelo contrário, esta fé será aperfeiçoada, aprofundada, solidificada com o decorrer da caminhada.

2) *A Faculdade deve procurar orientar sua formação com vistas à prática comunitária. A comunidade não pode pôr em dúvida essa seriedade de propósito na formação teológica.*

Este postulado não precisa ser válido para qualquer Faculdade de Teologia. Penso, por exemplo, nas universidades alemãs. Mas a nossa Faculdade sempre se norteou por esse princípio. Justamente por ser uma Faculdade vinculada a uma Igreja específica e que visa a formação de obreiros/as para esta Igreja. Inclusive, a partir da reforma de estudos, em 1975, a Teologia Prática recebeu atenção especial. Portanto, a formação nesta Faculdade de Teologia tem em vista a preparação para o ministério pastoral. É por isso que o culto (pregação, liturgia), a poimênica, a educação cristã, o trabalho com os diversos grupos recebem atenção específica em disciplinas específicas. Mas não é apenas nestas disciplinas da Teologia Prática que a prática comunitária entra no enfoque da reflexão. Também nas demais disciplinas, a prática comunitária sempre está presente de uma ou de outra forma.

Poderíamos dizer, para usar uma linguagem da área médica, que a Faculdade tem como objetivo e se esforça em formar generalistas, ou seja, obreiros/as em condições de atender as comunidades em suas necessidades gerais. A Faculdade dá os elementos fundamentais para ser um/a generalista e, ao mesmo tempo, fornece a base para um aperfeiçoamento com vistas a ser um/a especialista. Porque a diversidade das comunidades, bem como a multiplicidade de desafios que especialmente a realidade urbana apresenta para a Igreja, fazem com que haja cada vez mais necessidade de pessoas em ministérios específicos: capelania hospitalar, pastorado escolar, trabalho com grupos específicos (meninos/as de rua, terceira idade, pessoas portadoras de deficiência, jovens). Para tais ministérios específicos a Faculdade não pode preparar especialmente. Mas ela pode, deve e oferece uma base e a abertura de visão para tais ministérios específicos.

3) *A Faculdade não pode se limitar a apoiar e sacramentar a prática comunitária. A comunidade deve ter a humildade de escutar a voz crítica do centro de formação.*

Mesmo que a formação esteja direcionada para a prática pastoral, isso não significa que simplesmente se veja o que existe e como é feito, visando um treinamento de atitudes para desempenhar bem aquela função. Exemplificando: nas aulas de liturgia não se trata simplesmente de decorar a seqüência da mesma, aceitando de modo acrítico a sua estrutura, sua forma, seu conteúdo, assim como é praticada na maioria das comunidades, mas se busca compreender essa liturgia no confronto com a sua história e com a prática litúrgica em outras expressões de fé. Outro exemplo é a Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE). Sem dúvida, importa conhecer como funciona, o que faz, que pessoas atinge a OASE, destacando a importância que a mesma sempre teve na vida das comunidades. Mas não se pode deixar de apontar para as limitações de um determinado tipo de

trabalho (faixa etária atingida, caráter apenas social do encontro, pouca preocupação com problemas do contexto).

Porém essa voz crítica do centro de formação em relação às comunidades vai num sentido mais amplo. Ela engloba a pergunta pelo ser Igreja neste momento e nesta situação concreta. Que modelo de vida comunitária nossas comunidades oferecem? Que pessoas são atingidas e se sentem integradas na comunidade? Onde estão as ênfases de sua atuação? Qual a estrutura interna, respectivamente da Igreja toda, que melhor convém ao desafio missionário? A grande comunidade (sociedade) faz parte de suas preocupações ou o mundo acaba ali onde termina a sombra da torre de sua igreja? Quem são os mais fracos, com os quais Jesus se identificava e aos quais anunciou o reino de Deus? Por isso, aqui na Faculdade se faz — e é preciso que se faça — a reflexão em torno da função profética da Igreja, de seus/ suas obreiros/as e de seus membros. Por isso, foi também aqui que toda a questão da mulher na Igreja recebeu um grande destaque, que redundou na criação da cadeira de Teologia Feminista.

Em suma, a partir do estudo profundo, científico da Escritura e da doutrina cristã a comunidade e a Igreja como um todo precisam da avaliação crítica da teologia. E isso precisa ser exercitado durante o processo de formação.

*4) A comunidade deve abrir espaço para estudantes poderem fazer dela o seu campo de experiência. A Faculdade não pode privar o/a estudante de testar na prática o seu estudo teórico.*

Ao longo desses 50 anos, nem sempre a inserção na prática e na vivência comunitária teve a devida valorização. Lembro-me do comentário de um professor durante o meu tempo de estudos: “Eu também não quero ser operado de apendicite por um estudante de Medicina!” Nos anos 60, realmente só experimentava a prática comunitária durante o estudo quem queria. Isso mudou radicalmente com a reforma do estudo, em 1975. A partir de lá, o estágio é parte integrante do próprio estudo. E a partir de 1993, também o pré-estágio, nos dois primeiros anos de estudo. Por que isso? Porque se reconheceu que um bom estudo teórico deve partir da prática e levar novamente à prática. A vivência prática faz parte da própria reflexão. O que se observa justamente em estudantes que retornam do estágio é que o estudo passa a ter outro caráter: sabe-se por que determinado assunto é relevante ou que aspectos são importantes para a vivência comunitária. Por sua vez, comunidades saem enriquecidas com a presença de estudantes por um certo período: suas perguntas, sua inexperiência, suas dúvidas são oportunidades de aprendizagem mútua.

Além do pré-estágio e do estágio, também outras formas de inserção em trabalhos comunitários — eclesiais e/ou sociais em geral — significam um enriquecimento do estudo. Eles dão aquele tempero especial que faz com que o estudo se torne mais apetitoso e também a prática posterior ganhe um sabor especial.

5) *A Faculdade de Teologia entrementes é a Escola Superior de Teologia. Nela estão incorporados outros enfoques, outros ministérios, além do ministério pastoral. A comunidade não pode se esquecer de que o ministério é dela e que o mesmo se desdobra em diversos ministérios específicos.*

Antes de iniciarem com a formação de pastores, as comunidades se preocuparam com a preparação de professores para as escolas comunitárias, o que incluía a tarefa da educação cristã. Em 1909 foi criado o *Lehrerseminar*, e só em 1921 iniciou-se a formação teológica com a criação do Instituto Pré-Teológico. Mas, no decorrer dos anos, o ministério pastoral monopolizou o trabalho comunitário. Ministério passou a ser sinônimo de ministério pastoral; o pastor ou a pastora são o centro do trabalho. E o que dá para perceber é que tanto pastores e pastoras se sentem bem nesta posição quanto comunidades assim o desejam.

Neste aspecto a formação na Faculdade e na EST, em geral, precisa ser ainda mais crítica. Tanto em relação a seus/suas estudantes, com vistas à quebra do tão falado pastorcentrismo, quanto em relação às comunidades, enfatizando o sacerdócio geral de todos os crentes e a diversidade de ministérios e desafiando-as a exercitarem o ministério compartilhado.

Talvez as comunidades ainda nem tenham se dado conta de que a EST é mais do que a Faculdade de Teologia; que aqui também se busca preparar pessoas para outros ministérios, ou se investe na formação dos membros de comunidade através do Instituto de Capacitação Teológica Especial (ICTE). Neste sentido, a convivência dos diferentes institutos favorece essa consciência da diversidade de ministérios. Além de criar essa consciência, importa apostar com mais coragem numa formação equivalente no aspecto básico e cada vez mais especializada no aspecto específico de cada ministério.

### **Publicações Referentes à Tarefa da Faculdade de Teologia — Formação Teológica**

a) Antes de 1986

1. SEMENTEIRA E CEIFA. Publicação comemorativa por ocasião da inauguração do prédio principal da Faculdade de Teologia em São Leopoldo. 4 de outubro de 1959.
- a) DOHMS, H. Alocução proferida por ocasião da abertura do curso oficial de Teologia em 1946. p. 7-8.
- b) SCHLIEPER, E. A significação da Faculdade de Teologia para a Federação Sinodal. p. 9-11.
- c) WEINGÄRTNER, L. O Dr. H. Dohms como professor de Teologia. p. 12-14.
- d) BACHMANN, E. T. Formação teológica — relato histórico para o Brasil. p. 15-22.
- e) MEYER, H. A conversão de Blaise Pascal. p. 23-30.
- f) TAPPENBECK, H. Relatório sobre a VII Semana Brasileira de Teologia. p. 31-37.
- g) Relatório da construção. p. 38-49.

2. ESTUDOS TEOLÓGICOS. Ano 11, 1971. Número especial.

- a) WEINGÄRTNER, L. Meditação sobre o caminho de nossa Igreja. p. 4-14.
- b) MEYER, H. Bemerkungen zur Aufgabe der EKLB und ihrer Theologischen Fakultät in der interkonfessionellen brasilianischen Situation. p. 42-29.
- c) BRAKEMEIER, G. Função e tarefa da Faculdade de Teologia da IECLB. p. 50-58.
- d) ZIZEMER, O. O estudo de Teologia em nossa Faculdade. p. 59-61.
- e) SCHWANTES, E. A Faculdade de Teologia da IECLB prepara devidamente para o pastorado de hoje? p. 62-65.
- f) WEBER, B. Dos primórdios da Faculdade de Teologia. p. 66-70.

3. WEINGÄRTNER, L. O objetivo da educação teológica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 5, n. 4, p. 161-168, 1965.

4. O evangelho e nós : posicionamento do Corpo Docente da Faculdade de Teologia da IECLB. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 18, n. 2, p. 51-63, 1978.

5. HOCH, L.C. *Formação teológica em terra brasileira*. São Leopoldo : Sinodal, 1986. Todo o volume. Ali, às p. 227-231, bibliografia completa até aquela data.

b) Depois de 1986

1. Este povo clama por pão : manifestação da congregação de professores da Escola Superior de Teologia (EST) da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) quanto ao momento político brasileiro. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 29, n. 2, p. 117-119, 1989.

2. STRECK, D. Que escola queremos ser? : pensamentos sobre a produção e a disseminação do saber. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 29, n. 3, p. 255-269, 1989.

3. HOCH, L. C. O ministério dos leigos : genealogia de um atrofiamto. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 30, n. 3, p. 252-272, 1990.

4. VOLKMANN, M. Catecumenato Permanente — um desafio que permanece. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 34, n. 3, p. 205-218, 1994.